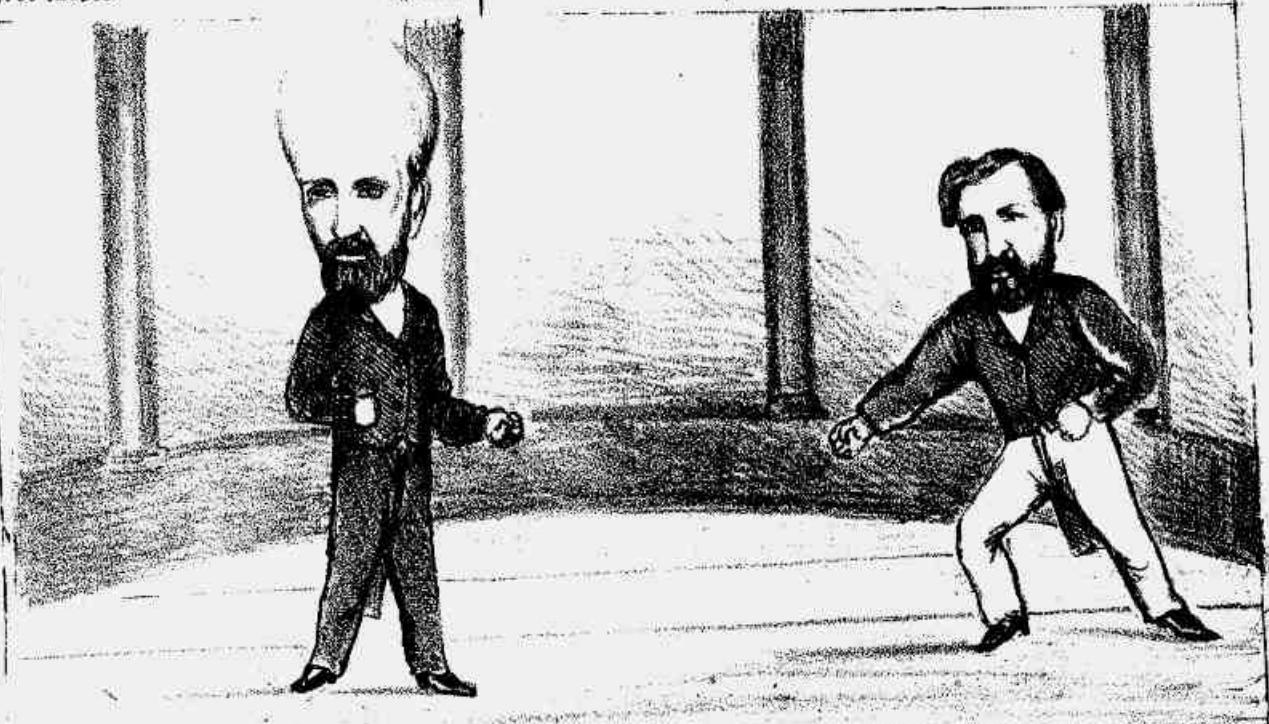




EST. NACIONAL
S.R.

CÓRTE	N. 21.	PROVINCIAS.
Um anno	448000	Um anno 448000
Seis mezes	78000	Seis mezes 78000
Tres mezes	38500	Avulso 300 rs



Último quadro do grande drama—Assembléa—em que o actor Paula oferece batatas ao Christiano.

A RACÓTEHA

Carta do tio Ignacio das Mercês a seu amigo Tiberio.

IV.

MAVEL TIBERIO.—Saude, paz e felicidades, e à tua Joaquina.

ATAUVEL TIBERIO.—Saude, paz e felicidades, e à tua Joaquina.

Tão cedo não tencionava escrever-te, porque o tempo não me sobra desde que me envolvi com a gente de cima; porém não posso à vista do effeito que produziu a ultima que te escrevi, effeito que eu não esperava!

Algumas linguas, inoculadas do veneno o mais corruptor, têm feito circular por ali que o teu velho Ignacio propende para este ou aquelle partido. Protesto solemnemente contra semelhantes beatos!

O teu velho Ignacio, ha vinte e seis annos que arredou-se da politica. Ha vinte e seis annos que vê diante de si o lugubre quadro das dissensões, que cada vez mais dilacerão o paiz!

Ha vinte e seis annos que o teu Ignacio vê-se obrigado, por força irresistivel do destino, a ganhar, com sacrificios os mais efficazes, exposto a todos os perigos, uma longa experiença, o que lhe autorisa a faltar do modo porque te fallou; e nem pretende já mais envolver-se em politica.

Além disso, meu Tiberio, não é esse o programma de minha sobrinha. Quando ella saiu à Inz protestou faltar de tudo e daquelles que se arredassem da estrada em que devem trilhar. Isso temos cumprido.

Se te dizia que o paiz marchava a passos agigantados para uma reacção, para uma desgraça, tinha diante de mim a historia; não é meu. E quem tiver de escrever a, não se pôde furtar a essas verdades!

Não fallo deste ou daquelle governo. Todos elles têm em vista o seu sordido interesse e a sua conservação!

Todos elles têm saltado por cima de nossa constituição, extinguindo por esse modo a maior parte de nossas instituições, os nossos mais sagrados e preciosos direitos, não hesitando até hoje em lançar o paiz na voragem revolucionaria!

Como heide, pois, meu Tiberio, apoiar este ou aquelle governo? Deixemo-nos disso!

Olha, meu Tiberio. Outro dia resolvi-me a ir assistir à uma das inspecções de saude no quartel general da guarda nacional, e benzi-me com a mão canhota!...

Um latagão de chapéo armado (que depois soube que era medico), pergunta a um dos inspecionados: — « O que é que tem? O que sente? » — E sem mais exame, com voz estridente, diz-lhe: — « Vá-se embora! Você não tem nada! »

E não se fale, meu Tiberio!...

Para que valer-se da posição e do acto para infundir no soldado o terror? Por ventura o soldado é um escravo, para ser tratado por esse modo?

Examinar cuidadosamente o doente, animal-o, perguntar-lhe o que sente, ver-lhe os symptomas, é o primeiro dever do medico que inspeciona, e depois a sua opinião, onde deve imperar a justiça! Além disso... deve consultar à sua *consciência*...

Emfim, meu Tiberio, não me agradou nada essa maneira de inspecionar-se, o que reclama de quem competir serias providencias. E a continuar assim, vejo-me na necessidade de me pronunciar de uma maneira mais clara e positiva, pois formei um juizo bem desagradável dos membros de que se compunha a junta!

E depois... não se queixem do tio Ignacio!...

E assim é tudo o mais, meu Tiberio!

Qualquer que seja a autoridade, por mais insignificante que seja, arroga a si um poder extraordinario! Não há nenhuma que conheça a orbita de seus deveres. E assim vão violando todos os nossos direitos, aniquillando cada vez mais a nossa constituição!

Que vão indo, meu Tiberio: que lancem o paiz na voragem revolucionaria! Nessa occasião o paiz poderá então rehaver as suas garantias, o cidadão poderá respirar, e gozar dessa liberdade que tão sabiamente nos outorga uma constituição como a que herdamos dos nossos antepassados!

E oxalá que nessa occasião os nossos compatriotas mais esclarecidos, possão conhecer melhor os verdadeiros e mais vitaes interesses do paiz!...

Basta, meu Tiberio, basta!

Todas as vezes que empenho a pena para dizer-te estas verdades... tremo!... O sangue, fazendo sua circulação por todos os póros, congela-se ante meu coração, e fico insensivel!...

A sobrinha aproveita a occasião para recommendar-se a você.

TIO IGNACIO DAS MERCÉS.

Rio, 1º de Setembro de 1866.

P. S.—Constando-me ultimamente que o nosso amigo Dr. Charlata, ajudado pelo seu collega Dr. Chico Antonio, praticou uma operação difícil e de grande effeito em uma doente nossa conhecida, fazendo a primeira experiença de seu novo processo de chloroformisação, peço-te que lhe observe que seja mais cauteloso d'ora avante, porque ether mitil-chloridrico tri-chlorado não é chloroformio, e sim o bi-chlorado...

Diga-lhe mais: que o ether mitil-chloridrico tri-chlorado mata..., e que não continue por que...—IGNACIO.

Um coração de moça em um peito de velha.

(Continuação.)

Lourenço poz-se a pensar de si para si. Um arranjo com uma velha, e uma velha chafariz de amores, filha vulcânica de sensibilidade, era-lhe um chouriço appetitoso. Depois disto acrescia que Dorothea possuia alqueires de ouro, que reduzidos à expressão mais simples, davão-lhe mundos de prazer e geso. Lourenço sonhou, pois, almoçar, jantar e ceiar no *Bueno Retiro*, applaudir à *rompre des gants* à Aiméé, ser *habitué* do Alcazar, ter trem e cavaíos, fumar *havanas*, e além disto ter no hotel da Europa conta corrente, entrada em toda a parte e sabida airosa em todos os bailes e *soirées*.

Em quanto tais idéas borbulhavão em Lourenço, o que pensava Dorothea?

D. Dorothea, lida e comida em Carlos Magno, queria um amante paladino; brigador, armado dos pés à cabeça, ousado, valente, defendendo-a à todo o transe, elogian- do-a nos theatros, dizendo emfim que D. Dorothea era uma fruta delicada, um manjar delicioso.

Em vista disto enganavão-se ambos. Vejamos, pois, como se houverão entre si.

— D. Dorothea, disse Lourenço dobrando os joelhos e cobrindo de beijos os aneis que ornava as mãos da solteirona; D. Dorothea, vós sois o chafariz que inunda de prazer todo o meu coração, sois o meu sol, a minha lua, o bom-bocado de minhas aspirações, a aspiração de minha alma.

E Lourenço, à proporção que vomitava phrases tumidas de entusiasmo, beijava, beijava com ternura, com fervor, os aneis de D. Dorothea. A solteirona, estatica, arrouava-se de uma adoração tão gloria.

— E vós me amais, Lourenço? perguntou ella revirando os olhos.

— Amo-vos, Dorothea, como Gonzaga amou à sua Marília. E vós sois a minha Marília aos 60 annos.

— Sessenta annos? Credo em cruz! Eu tenho apenas trinta e cinco.

— E eu..... quatorze..... Amo-vos, D. Dorothea, com furor.

— Dá licença, D. Dorothea, disse um velho de oculos pretos entrando no salão e estacando ante tão maravilhosos espectáculo. D. Dorothea correu até à pupilla dos olhos, Lourenço erguen-se como um ponto de admiração, dirigiu sobre o velho, e com voz funebre disse:

— Quem sois vós, insolente?

(Continua.)

Minha priminha.

As idéas da época acarretão para o futuro grandes e inevitáveis desgraças para o nosso paiz.

Abraçados com a bandeira liberal, os homens da actualidade pretendem dar liberdade sem limite a tudo e a todos.

Tua prima, que não a seduz mais o bello dessa palavra, que tantas vezes tem sido fatal à humanidade, deseja liberdade tanta quanta seja necessaria ao cidadão, ou melhor como se acha exarada no pacto fundamental do nosso paiz, e não como são as tendencias da actualidade.

Formou-se uma nova associação denominada—Imigração Internacional—isto é, não emigração entre nações, que pretende atrair dos Estados Unidos do Sul immensa população para povoar o vasto territorio desta nossa mal dirigida patria.

Que contradição, minha priminha! Os americanos dos Estados Unidos do Sul, não podendo ter escravos, querem vir para o Brasil, onde os ha; e estes nossos homens, fanatizados por tudo quanto é do estrangeiro, acreditão que é as nossas leis, os nossos rios, os nossos campos, as nossas florestas, e muito principalmente a nossa constituição, a mais liberal do mundo, que os movem a estabelecer-se em nosso paiz. Porque não vierão (e ainda não nos vêm de outro ponto) senão agora depois que o governo de seu paiz, depois de uma terrível e memorável guerra que tiverão com o norte, aboliu a escravidão do sul?

Agora, dizem os entusiastas: demos passagem a esses homens, que nos vêm ensinar a trabalhar, que nos trazem a moralidade de costume; demos campos e florestas onde elles quizerem, as melhores e as de mais facil comunicação com os centros commerciaes, isenção de direitos, e mais ainda, sejão brasileiros e gosem de todos os direitos politicos de cidadão brasileiro, possão ocupar todos os empregos e cargos, como deputado, senador e ministro da coroa. Só falta que confessem a sua ignorancia e sua estultez para governar o seu paiz.

Se meu filho, que lá nas plagas paraguayas defende a nossa patria, tivesse o mesmo pensamento destes de que fallo, bemdiria a Deus se uma balla lhe tirasse a existencia do vel-o o algoz de sua patria!

Que fossem brasileiros os emigrantes, não me opporia, porém que não podessem ocupar nenhum cargo politico como o de deputado, senador, etc., e só aquelles que aqui nascesssem e que na idade de 15 annos fizessem declaração de sua vontade, ou então aos 21, de querer abraçar a nossa nacionalidade.

Mas os fanaticos da liberdade não o querem assim.

Temos um projecto do nosso joven Tavares Bastos exigindo liberdade de cabotagem. Havendo na lei do orçamento um artigo que concede já, como experiencia, que os barcos estrangeiros possão transportar e descarregar generos nas alfandegas e portos alfandegados até 1867, e nosso joven quer já e já liberdade, para que o estrangeiro possa levar as suas mercadorias onde bem lhe parecer, e que o nosso thesouro sofria reducção em suas rendas.

Fóra o balão!
POR FLUMEN JUNIUS



Cambada de toias! deixarem de andar na moda porque, dizem, que o balão encobre certos defeitos...

THESOURONA



Julio, qual a razão porque não me levas à missa?
E porque não quero servir de pão de cabelleira



Ha mais de duas horas
P'ra sellar este papel!

Ha mais de duas horas
Que como este pastel!



O Dr. Luiz Augusto Pinto

Primeiro cirurgião mais antigo da armada
que serve actualmente como director do
hospital de marinha em
Corrientes.



Novo processo de chloroformisação.

O Dr. Chico Antonio não sabe que mitil-chloridrico bichlorado é chloroformio, mas pôde matar? Tome disto.

Agora então, que se lança novos impostos ao povo... ao pobre povo! e que o Brasil acha-se empenhado em uma guerra de honra e de dignidade, onde sens filhos banhão e banhão com seu sangue os campos do Paraguay, sangue precioso de que o Paraná leva suas águas tintas, sangue de tantos heróes, aos quais a posteridade tecerá videntes coroas de louros, e seus nomes serão repetidos por nossos filhos e pela mais remota geração!

O nosso jovem, priminha, disse muita cousa bonita, mas na prática não ha poesia, tudo é realidade; e para exemplo não vimos o Sr. Carrão, profissional em matéria financeira, naufragar perante o estado melindroso de nossa praça?

Trouxe o nosso jovem como exemplo a França com a Argelia; mas nós estamos nas mesmas condições que essa nação, que tem uma grande marinha mercante e não tem concorrência de qualquer outra, e que isso faz sem prejuízo seu, pois se diminui as suas rendas, aumenta a da Argelia, sua colônia?

A mocidade, priminha, está caduca, não sabe mais o que faz, sonha com a liberdade e desconhece o que ella seja.

Os franceses já a sonhão, mas custou-lhe bem caro!

Temos outra questão importantíssima, é a liberdade da escravidão.

A tal sociedade de *Immigração* quer a todo o custo a libertação dos escravos, e essa comissão, onde os brasileiros estão em minoria, e estes mesmos.... é que pretendem alcançar tal fim, quando os representantes têm ainda receio de tocar em tal assunto e aguardão a oportunidade.

Que é cancro, que é deshumano, que é anti-christão, que é tudo quanto é má!, concordo, mas o meio de extinguir a será o de afogadilho, já e já, sem termos amparado a nossa laboura, nem provido o meio do emprego dos libertos, e muitas e muitas outras medidas sejam tomadas, e não é mais do que dizer: — *Liberté, fraternité et égalité*?

Priminha, a moda agora é—liberdade da navegação de todos os nossos grandes rios,—liberdade de cabotagem—liberdade da escravidão—liberdade em tudo e por tudo, até na linguagem inconveniente dos parlamentares.

Adeus, priminha; hoje te escrevo estas considerações, que não são proprias do nosso sexo, mas como mai e que tenho filhos sustentando a honra do nosso Brasil, dói na alma quando leio o *Jornal do Commercio*, e sei o que se passa no parlamento; e von agora remetter os pacotinhos que pedi me aceitasses.

—

Eis-me, priminha, dirigindo-te uma segunda carta, por astarem os nossos jovens litteratos escrevendo à *tort et à travers*, como nos dizia o nosso professor da língua francesa, tantas *bellezas*.

Tinha reunido magna cópia de mercadoria poetica para empacotar; porém os jovens litteratos, com suas publicações, no domingo proximo passado, demoverão-me do propósito á que atinha o pensamento; por esta razão facote remessa das mercadorias litterarias da S. Illus. e do B. Vol., fabricadas e expostas ao publico no dia 23 de Agosto corrente.

A S. Illus. expoz, mercadorias litterarias:

N. 1..... ao menos, ha um ponto em que saquaremos e luzias estão de acordo; é em dizerem que a situação....

N. 2..... sómente acháram limitivo no ahorrecimento de estarem sempre contemplando antiguidades, etc.

N. 3. São balões infelizes aquelles que se despenduram das lojas para se pendurarem nos troncos, etc.

O B. Vol. expoz as seguintes, com a marca G. M. e A. Netto:

G. M.—Para da luz curiosa
Robar-te:—ha meio seguró
E rívermos nos beijando
Num quartinho bem escuro.

Ora, priminha, não te veio o rubor à face, vendo esta mercadoria litteraria de tão mau gosto?

A. Netto.—Tens olhos scintillantes

Medrosos se abaixando,
Os meus de quando em quando
Fitarem avistei:
Mas logo presentida
Fugiste espavorida.

O A. Netto não pensou existir tua priminha para lhe fazer uma pergunta: — Para que fazer máos versos, podendo estudar a língua vernacula e fazel-os bons?

Os nossos jovens escriptores querem ser litteratos, mas ignorão que não ha litteratura sem grammatica, nem grammatica sem litteratura, pela analogia que uma tem com outra.

Na verdade, priminha, muito devemos ao nosso professor Sotero dos Reis.

Não podendo dispôr de maior espaço, continuarei as reflexões que pretendia fazer n'outra cartinha.

Tua prima

Azucos-AGARÉ

P. S. — Na minha primeira carta, publicada na vossa folha ilustrada, na qual me dêstes mais uma prova de vossa dedicação, sahirão algumas incorreções typographicas, pois na quinta linha eu não disse—se não me enganei—e sim—e não me enganei, e no fim da carta deva ler-se—acho-o deteriorada pela ignorancia do fabricante nos ingredientes da composição.

Escuta !

OFFERECIDO À EXMA. SRA. D. . . .

Quando, ó virgem, te vi a vez primeira
Quando os olhos p'ra mim ternos fitastes,
Nesse humilde e triste lar em que habitava,
Ao deuso captiveiro me arrastastes !

Sorriu-se para mim novo porvir !
Celeste visão me atormentava !
Julguei-me feliz ! Gosar venturas
Era tudo no mundo o que anhelava !

Quiz logo te dizer quanto te amava...
Mas ergue-se ante mim alto penedo !
Minha fraca razão quasi perdi
Pensando em te amar mesmo em segredo !

Mas um dia, me lembro, tu, ó virgem,
Me jurastes amar !... Fatalidade !
Jurastes ser constante, ser fiel,
Jurastes fazer-me a felicidade !...

Eu ouvi... Nesse dia esses teus labios
Me disserão :—Por ti quero morrer !
Essas juras, que fizestes pela Virgem,
Me fazem hoje, triste, padecer !...

A dita de por ti eu ser amado,
De gosar a ventura que anhelava,
Era um sonho p'ra mim, era um milagre !
Um milagre d'amor... qu'eu affagava !...

Tive fé nesse amor, cri nessas juras !
Tive fé nesse peito tão singido !
Cri nessa tu'alma sem piedade !
Nesse coração tão fementido !...

Eu, além do coração nada mais tenho
P'ra fazer-te feliz, virgem formosa !
Um peito que s'encerra um'alma nobre !...
Não te disse, cruel, vil, enganosa ?

Acaso fui eu, oh ! céus, que te illudi ?
Falla ! para que altiva encobres ?!
Amei-te... porém... fui provocado !
Confessa ! Assim fazem as almas nobres !

Não importa, cruel, nega que amei-te,
Que tambem eu protesto—te aborreço !
Não digas, cruel, que me adoravas,
Qu'eu tambem de ti já não careço !...

P. J. RIBEIRO.

26 de Agosto de 1866.

Fabula.

O PAVÃO E O BURRO.

Um lindo *pavão* um dia
Que n'um campo passeava,
Encontrou-se com um *burro*
Que, gostoso, ahi pastava.

A conversar principião,
Travárao logo amizade,
Na qual o louco sendeiro
Tinha a mais nescia vaidade.

O tal sendeiro, orgulhoso
Da companhia em que andava,
De que era *burro*, esquecido,
Outro *pavão* se julgava.

A prumo punha a cabeça,
O pescoço entumescia,
E sobre as pelladas ancas
Da cauda as sedas abria.

O *pavão* vendo as fumaças
Daquelle pobre sendeiro,
Fazia todas as noites
Do seu costado poleiro.

Certo dia em que os dous juntos
Estavão sobre um rochedo,
O *pavão* desprende as azas
Voando sobr'um arvoredo.

O *burro*, que sempre é *burro*,
O amigo imitar querendo,
Começa a esticar os braços,
Tambem voar pretendendo.

Do cume do tal rochedo
Se atira precipitado ;
Baquêa, triste, na terra,
Onde fica arrebentado.

MORALIDADE.

Imitador deste seculo,
Se falto d'azas te sentes,
Vendo voar os outros
Voar tambem não intentes.

Poetas e litteratos,
Moderai vossa afioiteza,
Não ouseis transpôr a mèta
Que vos poz a natureza.

OMISSIREV JUNIUS.

Rio, 22 de Agosto de 1866.

Typegraphia e Lyt.—Economica—Rua de Gonçalves Dias n. 34.



Emigração.

Vinde! esta terra, estas florestas são vossas: regenerai-nos. A raça latina está caduca
eu vos dou o Brasil.